

Celso Furtado:  
Correspondência intelectual



# **Celso Furtado: Correspondência intelectual 1949-2004**

Seleção, introdução e notas

*Rosa Freire d'Aguiar*

Posfácio

*Luiz Felipe de Alencastro*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by Rosa Freire d'Aguiar  
Copyright do posfácio © 2021 by Luiz Felipe de Alencastro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Agradecemos aos interlocutores, às famílias e aos responsáveis por espólios pela permissão de reproduzir as cartas deste volume. Embora todos os esforços tenham sido feitos para entrar em contato com os detentores de direitos das cartas e das imagens, nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem. As cartas de Bertrand Russell também podem ser encontradas nos Bertrand Russell Archives, da Universidade McMaster. Cartas de Ernesto Sábato: © Herdeiros de Ernesto Sábato, c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, <http://www.schavelzongraham.com>.*

CAPA

Mariana Newlands

FOTOS DE CAPA, QUARTA CAPA E MIOLO

Acervo Rosa Freire d'Aguiar

*Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.*

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Thaís Totino Richter

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Furtado, Celso, 1920-2004

Celso Furtado : Correspondência intelectual : 1949-2004 / Celso Furtado ; seleção, introdução e notas Rosa Freire d'Aguiar ; posfácio Luiz Felipe de Alencastro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-030-5

1. Cartas brasileiras 2. Correspondências 3. Economistas – Brasil 4. Furtado, Celso, 1920-2004 – Anotações, rascunhos etc. 5. Furtado, Celso, 1920-2004 – Correspondência 6. Memórias 7. Política econômica I. d'Aguiar, Rosa Freire. II. Alencastro, Luiz Felipe de. III. Título.

21-5623

CDD-330.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Economistas brasileiros : Correspondências 330.981

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

Introdução — *Rosa Freire d'Aguiar* 7

## INTERLOCUTORES — OS BRASILEIROS

1. Adhemar Nóbrega 25
2. Antonio Callado 33
3. Antonio Candido 43
4. Cleantho de Paiva Leite 50
5. A cultura 52
6. Darcy Ribeiro 61
7. Ecos da ditadura 70
8. Fernando Henrique Cardoso 91
9. Florestan Fernandes 116
10. Francisco de Oliveira 122
11. Francisco Iglesias 129
12. Francisco Weffort 140
13. Helio Jaguaribe 148
14. José Leite Lopes 164
15. Os liberais 169
16. Luciano Martins 184
17. Marcio Moreira Alves 202

- 18.** Maria da Conceição Tavares 211
- 19.** Octavio Ianni 216
- 20.** Otto Maria Carpeaux 224
- 21.** Plinio de Arruda Sampaio 231
- 22.** Os políticos 241
- 23.** Thiago de Mello 248

#### INTERLOCUTORES — OS ESTRANGEIROS

- 1.** Albert O. Hirschman 255
- 2.** Os ativistas 267
- 3.** Conexões políticas 275
- 4.** Os economistas 290
- 5.** Ernesto Sábato 318
- 6.** Explicando-se 324
- 7.** Os latino-americanos e o Clube Bianchi's 336
- 8.** Os mediadores 374
- 9.** Raúl Prebisch 387

Posfácio — *Luiz Felipe de Alencastro* 403

Sobre os autores 411

Índice onomástico 421

# Introdução

*Rosa Freire d'Aguiar*

Celso Furtado partiu para o exílio em meados de maio de 1964. Tinha 43 anos. Embarcou num voo com destino a Santiago, escala em Buenos Aires. Passagem só de ida, a volta ficaria adiada por muito tempo. Ali se encerrava uma etapa decisiva de sua vida, aquela iniciada em 1958, em que idealizara e chefiara, nos governos de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, e fora o primeiro ministro do Planejamento do país. Antes, passara quase uma década, entre 1949 e 1958, à frente da Divisão de Desenvolvimento da Comissão Econômica para a América Latina, a Cepal. Naquele dia de maio, a ida para Santiago a um só tempo fechava um ciclo e abria outro, que seria o da longa ausência do Brasil, por quase vinte anos.

Quando houve o golpe militar de 1º de abril de 1964, Celso encontrava-se no Recife. Na véspera, o Edifício JK, sede da Sudene, fora cercado por militares que provocativamente deixaram uma metralhadora apontada para a portaria. No dia 2, deu-se a intervenção decidida pelos novos donos do poder, e o lugar do superintendente foi assumido por um militar de alta patente que trabalhara sob suas ordens até pouco antes. Já não se vivia em estado de direito, conforme se verá nas cartas a seguir que dão conta de detenções e perseguições.

O nome de Celso Furtado constava da primeira lista dos punidos pelo Ato Institucional nº 1, assinado em 9 de abril, que privou de direi-

tos políticos e civis, e de mandato parlamentar, uma centena de brasileiros. O “listão”, como ficou conhecido esse ato inaugural do arbítrio que se instalaria no país, era encabeçado por Luís Carlos Prestes, João Goulart e Leonel Brizola; Celso aparecia em 26º lugar. Anos mais tarde seria informado de que, além de cassado, fora demitido de seu órgão de origem, o Departamento Administrativo do Serviço Público, “a bem do serviço público”.<sup>1</sup> Fosse como fosse, em 1964 teve de sair do Brasil. Já nesse momento havia recebido telegramas de três conceituadas universidades americanas — Harvard, Columbia e Yale —, convidando-o para nelas lecionar. Escolheu a última, conforme noticiado na edição de 11 de maio de 1964 do *The New York Times*, em reportagem ilustrada com foto de Celso.<sup>2</sup>

A escala em Santiago, onde passou os três meses do inverno austral de 1964, serviu-lhe para repensar as ideias da Cepal que ajudara a elaborar um decênio antes. A convite do economista Raúl Prebisch, cuja correspondência com Celso é uma das mais ricas deste volume, ele dirigiu então um seminário de que participaram os sociólogos Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort. Um e outro não eram exilados, mas sabiam que não estava na hora de voltar ao Brasil, como se lerá nas cartas posteriormente trocadas entre eles.

Celso permaneceu na Universidade Yale de setembro de 1964 a junho de 1965, como *visiting fellow* do Economic Growth Center. Seu interesse em ir para os Estados Unidos, conforme se verá nas cartas aos amigos Charles Wagley e Albert O. Hirschman, era reavaliar os próprios planos e rumos, depois de tantos atropelos, mas também estudar o país. Logo, porém, soube que o governo brasileiro tomara providências para que a universidade não renovasse o seu contrato: começavam aí os apuros constantes, durante o exílio, para a regularização de seu

1 Decreto de 29 de novembro de 1965.

2 “Purged Brazilian Economist will Teach in U.S. Invited by Three Universities, He Leans Toward Yale”, Juan de Onis, *The New York Times*, 11 maio 1964.

3 No comentário feito ao livro *Le Brésil à l'heure de choix*, de Celso Furtado, Hubert

passaporte e concessão de vistos. Os planos de estudar os Estados Unidos como fulcro da história e do destino da América Latina — de que fora exemplo o próprio apoio norte-americano ao golpe militar — seriam postergados.

No dia 25 de agosto de 1965, Celso e família embarcavam no *Queen Elizabeth* rumo à França. Pouco antes, ele fora convidado para ser professor em Oxford, mas a opção por Paris terminou se impondo. Já no ano anterior, Hubert Beuve-Méry, fundador e diretor do influente *Le Monde*, sugerira nas páginas do jornal que a universidade francesa o convidasse para retornar à Sorbonne, onde Celso se doutorara em 1948.<sup>3</sup> A sugestão, tudo indica, foi acatada pela Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris, que o nomeou professor associado em ato assinado pelo presidente Charles de Gaulle. Iniciava-se assim a carreira acadêmica de quem, paradoxalmente, nunca lecionara numa universidade em seu país.

Cartas trocadas com amigos reconstituem o cotidiano de *Monsieur le professeur*. Vindo de carro de Chevilly-Larue, cidadezinha perto de Orly onde morou muitos anos, Celso dava suas aulas e seminários num belo prédio de fins do século XVIII, na Place du Panthéon. No primeiro ano, lecionou economia do desenvolvimento, na pós-graduação. No seguinte, mais uma disciplina: economia latino-americana. Já então orientava dez doutorandos, e logo foi chamado a substituir, nas aulas do último ano, o economista Raymond Barre, que mais tarde seria primeiro-ministro do presidente Giscard d'Estaing. No final da década de 1960, uma centena de alunos frequentava seus cursos e seminários de pesquisa. Por vários anos Celso foi o único economista estrangeiro professor da Universidade de Paris. E a Faculdade de Economia do Panthéon formava, a essa altura, a grande maioria dos economistas na França. Brasileiros que

Beuve-Méry escrevia: “As mais famosas universidades dos Estados Unidos disputam a colaboração desse temível ‘comunista’; por que os franceses não convidariam o sr. Celso Furtado para vir a Paris no próximo outono? Sobre seu país, sobre os aspectos teóricos e práticos do desenvolvimento econômico e social, esse ex-estudante da faculdade de direito em Paris teria muito a nos dizer”. *Le Monde*, 5 jun. 1964.

moravam em Paris ou que estavam de passagem pela cidade iam com frequência assistir a uma de suas aulas, ou a uma defesa de tese de cuja banca participasse “o professor cassado”, conforme o rotulara longa reportagem de uma revista brasileira.<sup>4</sup> Não surpreende se, em 1969, Celso tivesse de trocar, na Sorbonne, a sala de aula por um auditório, o anfiteatro Turgot, com capacidade para 140 estudantes.

Há em sua correspondência dezenas de cartas, em geral manuscritas — assim rezava o código de boas maneiras epistolares —, de estudantes que solicitavam um *entretien* para discutir um tema de tese, pedir uma bibliografia, quando não o abono de faltas, a revisão de uma nota ou uma carta de recomendação. Quando iniciei a leitura destas cartas, anotei nomes de alguns de seus alunos. Dois chegaram a presidentes da República — Alan García, no Peru, e Abolhassan Bani Sadr, no Irã —, outros tornaram-se ministros, diretores de banco, catedráticos. Se a imensa maioria de seus discípulos eram franceses, também foram muitos os do Magreb, da Turquia e da Grécia e, naturalmente, de toda a América Latina. Com estes, costumava ser pouco condescendente. O grande conhecimento que tinha de seus países era proporcional à severidade com que julgava suas teses e dissertações, para cujas bancas era tão requisitado. Em 1966, escrevia a um amigo:

Por aqui surgem muitos latino-americanos, economistas, advogados, sociólogos, com pretensões a escrever teses sobre a integração latino-americana. Muitos supõem que refritando<sup>5</sup> o que por aí circula poderão conseguir facilmente um título universitário aqui. Tenho me negado a dirigir essas teses, pois ao cabo de uma conversa rápida vê-se que o candidato refletiu muito pouco sobre o assunto, limitando-se a repetir o que circula na imprensa.<sup>6</sup>

4 Cf. *Realidade*, ago. 1967.

5 Espanholismo do autor, frequente em cartas de Celso Furtado (CF). *Refritar*: requeantar.

6 Carta de CF a Norberto González, Paris, 23 dez. 1966.

A fama de exigente não se restringia aos latino-americanos. Numa carta confidencial ao decano de Paris-I, lê-se: “A tese de Madame B. sobre o Koweit é trabalho descritivo que se limita a reunir informações já publicadas. Observamos muitas repetições, e até mesmo informações dadas três ou quatro vezes de forma divergente. Não há contribuição pessoal do autor”<sup>7</sup>

Anos mais tarde, num exercício de estilo para um romance jamais escrito, Celso imaginou um diálogo travado na Rue des Écoles, em pleno Quartier Latin, com um colega que orientava um jovem aluno: “Que se pode pedir a um estudante francês que prepara um estudo sobre o Nordeste do Brasil? Que fez uma viagem de ônibus de Recife a Natal e visitou a feira de Caruaru, conversou com algumas notoriedades, teve uns supostos encontros clandestinos com pessoas inocentes, está convenientemente convencido de que tudo é ‘culpa dos americanos’ e se conforta pensando que os militares mais cedo ou mais tarde abrirão os olhos para o ‘drama da região’?”<sup>8</sup>

Embora longe do Brasil, ele recebia nesses anos dezenas de convites para ser patrono ou paraninfo em cerimônias de colação de grau. Em 1968 foram nada menos que quinze, a maioria de formandos em ciências econômicas, mas também em veterinária, biociências, história, enfermagem. A resposta a um deles resume seu pensamento:

Há algum tempo tomei a decisão de não mais aceitar convites como o que você me transmite. Estou consciente de que você e seus colegas estão animados de puro idealismo e generosidade, mas sou de opinião de que esse tipo de homenagem deve premiar os professores jovens que, de uma ou outra forma, estão participando das lutas da juventude estudantil, num momento em que essas lutas constituem o único ato de lucidez no quadro confrangedor que apresenta o nosso país.<sup>9</sup>

7 Carta de CF ao decano da Universidade de Paris-I, Paris, 16 out. 1967.

8 Arquivo pessoal, 20 out. 1975.

9 Carta de CF a Jorge Jatobá, Paris, 30 out. 1968.

O Brasil é assunto recorrente desta correspondência. Atos e fatos dos sucessivos governos militares, com seu cortejo de medidas econômicas, novas cassações, liberdades tolhidas, e com censura instaurada, são amplamente comentados pelos missivistas. Há cartas enviadas duas vezes, a primeira por correio e a segunda por portador seguro, para driblar o eventual veto postal. Outras falam de carreiras ceifadas pelo Ato Institucional nº 5, promulgado em 1968, de professores proibidos de ensinar e afastados da cátedra: breve, mais uma leva de exilados brasileiros partiria para o exterior.

Celso sentia-se, então, mais integrado na França, menos transeunte, convencido de que sua permanência no estrangeiro tendia a ser definitiva. A universidade ia implantando a reforma adotada no rastro de Maio de 68 e sofria uma “explosão demográfica” que, para ele, acarretava sobrecarga de trabalho. Mas não se queixava. Numa rara carta em que se referiu à sua vida pessoal em Paris, escreveu um saboroso brevíário da cidade:

A vida em Paris é, sob muitos aspectos, dura. Mas é como o amor de Swann: quanto mais se sofre, mais se precisa dele. Com os anos, a gente vai se cansando de viver para o futuro, como um transeunte apressado. Talvez a força de Paris esteja nisso: é uma espécie de tratamento de choque contra o esquecimento do presente. Existem pelo menos três aberrações na forma de viver parisiense que a mim me seduzem. A primeira é *flâner*: andar sem objetivo em lugares que nos lembram alguma coisa que permanece viva em nós. A segunda é a *causerie*: a conversa sem compromissos em nenhum sentido. E a terceira são os longos repastos: comer sem ter ideia de quando se vai terminar. Lembro-me um almoço do lado da floresta de Saint-Germain-en-Laye. Entre uma boa caça, um bom bourgogne e uma *assiette* de queijos consumimos toda a tarde. Havíamos combinado as aberrações segunda e terceira.<sup>10</sup>

O romancista alemão Heinrich Böll dizia que, no exílio, a capacidade de escrever depende de carregar internamente a língua e o país. Celso,

10 Carta de CF a Francisco Giner de los Ríos Morales, Paris, 24 maio 1967.

sem nenhuma dúvida, carregou uma e outro entranhados dentro de si. Os 10 mil quilômetros que o separavam do Brasil, percorridos, em tempos pré-internet, por cartas ansiosamente esperadas, não o afastavam do país, que se mantinha como foco permanente de reflexão. Dos dez livros que escreveu entre 1965 e 1978, houve os de teoria econômica, os sobre a América Latina e, *cela va sans dire*, os sobre o Brasil.<sup>11</sup> A ambivalência do exílio leva o expatriado, conquanto fora da pátria, a sentir em permanência sua presença, de forma clara ou insidiosa, em leituras, cartas, conversas, encontros. Se Celso era marcado pela paixão de entender o Brasil, essa espécie de missão dilatou-se nos tempos do exílio. Nas cartas que se seguem, sente-se o olhar de brasileiro que ele põe sobre o mundo, um olhar que provoca comparações e também indaga como os outros nos olham. Isso explica que, não só os livros, mas as dezenas de artigos que lhe pediam as mais influentes revistas acadêmicas da época, como *Annales*, *L'Esprit*, *Les Temps modernes*, *El Trimestre Económico*, *Revista de Occidente*, tivessem a ligá-los um fio condutor que, embora passando pela América Latina, pela conjuntura internacional em plena mutação, pela cultura e pela teoria, trazia subjacente o tema maior: o Brasil.

Nesses anos multiplicaram-se as traduções de seus livros. Celso as acompanhava, trocando com tradutores cartas em que, atentamente, anotava falhas de compreensão e antecipava equívocos recorrentes. Numa carta de 1967, para uma editora de Buenos Aires, frisava que “renda”, em português, devia ser traduzida por *ingreso* quando significasse

<sup>11</sup> *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966); *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967); *Um projeto para o Brasil* (Rio de Janeiro: Saga, 1968); *Formação econômica da América Latina* (Rio de Janeiro: Lia, Editor, 1969); *Análise do “modelo” brasileiro* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972); *A hegemonia dos Estados Unidos e a América Latina* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973); *O mito do desenvolvimento econômico* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974); *A economia latino-americana* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976); *Prefácio a Nova Economia Política* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976); *Criatividade e dependência na civilização industrial* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978).

*income* em inglês, e por *renta* quando significasse *rent*.<sup>12</sup> Em 1972, a partir dos relatórios de seus editores, estimou que 400 mil exemplares de suas obras tinham sido vendidos na América Latina. A safra de 1970 fora boa: seu livro *A economia latino-americana* esgotava a primeira edição no Brasil, era publicado em inglês e estava sendo traduzido em sueco; no Chile chegava à segunda edição, de 4 mil exemplares, no México continuava a vender bem, mas na Espanha ainda não circulava porque, como informava o editor, “tudo deve passar pelo tortuoso caminho da censura”.<sup>13</sup> Na França saíram nesse ano três títulos: *Théorie du développement économique*, *L'Amérique latine* e *Les États-Unis et le sous-développement en Amérique latine*, este último, por sua vez, traduzido por uma editora italiana.

Qual era a agenda europeia desse momento? Pela leitura das centenas de convites recebidos por Celso, chama atenção o imenso leque de temas que alimentavam colóquios e debates em universidades, sindicatos, igrejas, associações estudantis, na Europa Ocidental e do Leste. Celso era convidado por ser um “especialista” em Brasil, sem dúvida. Mas também em América Latina, desenvolvimento, Terceiro Mundo, imperialismo, Nordeste, reforma agrária, planejamento. Pelo binóculo de sua correspondência, vê-se um mundo mais internacionalista, porventura mais solidário, mais preocupado com estudos sobre a paz, a fome, as ideologias.

Celso não gostava de se apresentar como exilado. Vez por outra, se autodenominava *un métèque*, recorrendo ao termo que designava os estrangeiros residentes na antiga Atenas e sempre envolto num quê de desdém pelos forasteiros. O exílio, porém, causou-lhe funda ruptura, levando-o a encetar nova atividade profissional e dominar os rigores da língua em que praticaria seu trabalho acadêmico. Com os anos, foi se habituando à ausência prolongada do Brasil, assimilando a pátria adotiva. Nem sempre o mesmo ocorreu com amigos, que, longe do país, enfrentaram problemas familiares, profissionais, financeiros. Certas car-

<sup>12</sup> Carta de CF a Beatriz Sarlo, editora do Centro Editor de América Latina, Paris, 22 jun. 1972.

<sup>13</sup> Carta de Arnaldo Orfila a CF, México, 30 abr. 1970.

tas de exilados, aqui publicadas, revelam dramas pessoais e denotam o desejo de prepararem a retaguarda para retomar fôlego e a luta. Todos anseiam pela volta ao Brasil.

Os percalços do exílio estão também presentes nas cartas de personalidades que ajudaram Celso a vencer as barreiras inamovíveis impostas pelas autoridades diplomáticas de seu país. Ele jamais quis pedir asilo político, certo de que essa condição impor-lhe-ia limitações às suas atividades. Tinha, porém, um passaporte restritivo. O primeiro dos tempos do exílio era válido apenas para a França, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Itália. Qualquer viagem, ainda que de férias à Espanha ou à Grécia, devia ter autorização à mercê do cônsul. Em 1967, queixava-se a um amigo: “Meu passaporte estabelece um gueto internacional dentro do qual estou autorizado a deslocar-me. Para ir à Índia tive de pedir que incluíssem esse país no meu gueto. A Inglaterra havia sido incluída desde o começo, assim como a Itália — países inofensivos, creio”.<sup>14</sup>

Além das duas missões de trabalho malogradas por uma negativa do consulado, e mencionadas em algumas destas cartas, Celso foi impedido de aceitar, em julho de 1970, o convite para ir a um congresso, em Viena, da Associação Internacional de Estudos para a Paz; um mês depois, não obteve visto para ir ao Peru, onde se realizavam reuniões preparatórias do Acordo de Cartagena; e, no ano seguinte, não pôde comparecer, em Caracas, a um encontro da Organização dos Estados Americanos sobre administração pública. Esses contratempos deixavam-lhe um travo amargo, que o levou a registrar num diário: “Pelo gosto dessa gente, eu morreria de fome no estrangeiro”.<sup>15</sup>

Em 1975, tendo recuperado os direitos políticos cassados por dez anos, ensaiou uma volta para o Brasil. A convite da Universidade Católica de São Paulo, lá esteve por um semestre, responsável por um curso sobre economia do desenvolvimento. Era a primeira — e seria a última

14 Carta de CF a Claudio Véliz, Paris, 8 jun. 1967.

15 Cf. *Celso Furtado. Diários intermitentes: 1937-2002* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019), p. 228.

— vez que lecionava numa universidade brasileira. Mas o sonho do regresso gorou, pois o clima político no país estava longe de se desanuviar, conforme se lê, em especial, nas cartas de Plínio de Arruda Sampaio, Antonio Callado e Otto Maria Carpeaux. Familiares de Celso lhe escreviam contando que ultimamente ligavam para a casa de suas irmãs, à procura dele, pessoas que ninguém conhecia e que não queriam deixar recado. Ou que se faziam passar por ele e telefonavam como se estivessem na rua.<sup>16</sup>

Com a Lei da Anistia, em 1979, o clima político começou a mudar. Celso imaginava ser possível, então, repor o país nos trilhos, em suas palavras, e avançar no caminho do desenvolvimento. Depois dos anos de proscricção imposta pelo regime autoritário, ele trocou as viagens rápidas e esporádicas ao Brasil por visitas mais longas. Restringiu suas aulas na Sorbonne à pós-graduação e foi nomeado diretor de estudos da École de Hautes Études en Sciences Sociales, onde ministrava anualmente um seminário de três meses sobre a economia brasileira contemporânea.

O ano de 1985, o primeiro do retorno à democracia, pôs um ponto-final na permanência no exterior. Vinte anos tinham se passado desde que Celso fora forçado a deixar o país. Agora, já podia comprar a passagem de volta — depois que cumprisse duas missões como o servidor público que sempre foi: a primeira, como embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Europeia, em Bruxelas; a segunda, como ministro da Cultura.

Comecei a ler estas cartas, em 2018, pelas do período do exílio. Professores da Sorbonne, nos vinte anos em que Celso lá esteve, não contavam com secretariado. Celso despachava, e arquivava em casa, toda a sua correspondência. A recebida, em pastas de capa rígida, de papelão cinza ou preto, lombadas de dez a quinze centímetros, com todas as cartas perfuradas na margem esquerda e presas por duas argolas. O volumoso correio enchia, em geral, uma pasta por ano. Na lombada, em

**16** Cf. carta de Antonieta Furtado a CF, Rio de Janeiro, 4 nov. 1976.

maiúsculas, a inscrição “Cartas recebidas” e o ano correspondente: de 1964 a 1984. As enviadas eram guardadas em pastas coloridas e finas de papelão. Ali ele mantinha as cópias feitas com papel-carbono da correspondência profissional que julgava importante para o seu dia a dia, e também aquela enviada a amigos e a uns poucos familiares. Celso era excelente datilógrafo, prática que exerceu por muito tempo numa Olivetti Lettera 32, comprada em viagem à Itália em 1958, e numa Lettera 22, até trocá-las pelo computador. Em média, cada pasta das “Recebidas” continha quatrocentas cartas; das “Enviadas”, cem — o que perfazia um total de cerca de 10 mil cartas trocadas durante o exílio, algumas com duas ou três páginas. As condições climáticas favoráveis em Paris, de baixa umidade devido ao aquecimento doméstico, deixaram a correspondência desse período no exterior em ótimo estado, sem as manchas de fungos correntes na do Brasil. As cartas dos anos anteriores e posteriores ao exílio, quando Celso ocupou cargos públicos e contou com eficientes secretárias, formavam outro conjunto, bastante bem organizado, de aproximadamente 5 mil documentos. Li as 15 mil cartas, anotando nomes, assuntos, cotejando datas e assinaturas, não raro decifrando as manuscritas, em várias línguas.

As de amigos costumavam chegar em papel aéreo, pautado ou não. As de instituições como as seculares universidades americanas e europeias vinham em papel vergê ou de linho, timbrado, algumas com monogramas em relevo. Havia também os aerogramas, essas folhas avulsas já franqueadas e dobradas de tal forma que dispensavam o envelope, e os *pneumatiques*, o engenhoso sistema em que as cartas percorriam Paris por uma rede de tubos pressurizados e alcançavam o destinatário uma ou duas horas depois de postadas: em tempos de reduzido parque telefônico na França, eram o meio ideal para confirmar um encontro, comunicar a chegada a Paris, desmarcar um jantar. As cartas de Celso cujas cópias ele guardava eram sempre datilografadas em papel A4, raramente tendo mais de uma folha. Em geral, cópias sem assinatura.

Convites formavam o núcleo central da correspondência. Nos três primeiros anos em Paris, alguns deles, pinçados ao acaso, chamam aten-

ção, como os da American Historical Association, que organizava um congresso sobre “A influência do Sertão na história brasileira de 1900 a 1930”; da *New Left Review* para um debate com *young intellectuals interested in Latin America*; do Woodrow Wilson School propondo-lhe substituir o economista Arthur Lewis, futuro prêmio Nobel; do Tribunal Internacional sobre os crimes de guerra no Vietnã, presidido por Bertrand Russell e Jean-Paul Sartre; de Elisabeth Mann Borgese, filha do escritor Thomas Mann, convidando-o a integrar o Center for the Study of Democratic Institutions; da InterAmerican Foundation of the Arts, para simpósio em que ele debateria com James Baldwin, Gore Vidal e Glauber Rocha; da Unesco, que festejava em 1968 os 150 anos do nascimento de Marx e o convidava para ser um dos conferencistas principais ao lado de Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jurgen Habermas.<sup>17</sup> A imensa maioria dos convites é recusada: “*Réponse négative*”, escreve Celso no rodapé da carta.

Também se contam às dezenas as solicitações de longos artigos acadêmicos que, se aceitas, não lhe deixariam tempo sequer para preparar uma aula. Assim, em 1975 a revista *Mondes en développement* pede, para dali a três meses, 25 páginas sobre as exportações industriais e a dependência, e outras 25 sobre “L’espace congloméral”; a Universidad Nacional de Córdoba solicita, com prazo de mês e meio, “umas 15 páginas que tratem das perspectivas da teoria econômica na América Latina”; um instituto de Dacar pede um texto “breve”: dez páginas com “uma descrição crítica da evolução econômica, social e política do conjunto da América Latina de 1945 aos nossos dias”. Prazo: o quanto antes. O Institute of Development Studies da Universidade de Sussex lhe solicita “um panfleto fabiano sobre a Europa e a América Latina”;<sup>18</sup> o historiador Ruggero

<sup>17</sup> No colóquio *The Role of Karl Marx in the Development of Contemporary Scientific Thought*, CF apresentou o artigo “Marx’s Model in the Analysis of the Underdeveloped Economic Structures”. Cf. *Marx and the Contemporary Scientific Thought* (Haia: Mouton, 1970).

<sup>18</sup> A Sociedade Fabiana, criada em 1884 para pensar o movimento socialista na Inglaterra, teve Bernard Shaw como um de seus mais conhecidos membros.

Romano quer um ensaio de quarenta a cinquenta páginas, sobre a formação do mercado interno no Brasil; e Octavio Paz, com quem Celso tecera boa amizade, pede um longo artigo para a revista que dirige, *Plural*, encartada mensalmente no jornal *Excelsior*. Celso o envia, mas o projeto de Paz fracassa. Na carta em que lhe comunica o insucesso, escreve um postscriptum à mão: “Querido Celso, México es México, y América Latina es América Latina... No hay nada que hacer — salvo seguir y persistir”.<sup>19</sup>

Toda correspondência volumosa incorpora e revela curiosidades. A de Celso traz, entre muitas, a carta de um admirador que pede um autógrafo no cartãozinho anexo; a do engenheiro da Nasa que lhe pede cópia de dois artigos; a do conterrâneo que, desmanchando-se em elogios esparramados por três páginas, pede, “mediante a sua invulgar prestimiosidade”, três matrículas num dos institutos em que ele lecionava, para o remetente, a namorada e um ex-aluno, “e, obviamente, as bolsas de estudo correspondentes, junto ao governo francês”; a do presidiário que, cumprindo pena longa numa prisão da Bélgica, decide estudar ciências econômicas e lhe solicita um exemplar de *L’Amérique latine* — que o professor enviou;<sup>20</sup> a de um grupo de presos políticos do Ceará, que no cartão com um “Salve 1976” desenharam o mapa do Brasil tendo no centro as grades quebradas de uma cela — entre os dez signatários, o futuro deputado petista José Genoíno Neto.

Os vinte anos longe do país representaram um divisor de águas, não só na vida pessoal e profissional de Celso, como em seus hábitos epistolares. Foi, naturalmente, nesse período no exterior que ele mais praticou a arte da correspondência. Ao sabor das cartas que iam e vinham, desfiavam-se as novidades do dia a dia, os comentários sobre a política no Brasil e na França, na América Latina, nos Estados Unidos. Mas o que há de específico neste corpus epistolar aqui publicado é sua índole intelectual, é a evidência de que os missivistas expunham sua visão do mundo,

19 Carta de Octavio Paz a CF, Cidade do México, 1976.

20 Carta de Alain Dufour a CF, Prisão de Nivelles, 1978.

opiniões, dúvidas, com admirável franqueza. Trata-se, assim, de um conjunto singular de cartas que traduzem a efervescência do pensamento de cada um, por vezes até mesmo uma espécie de convocação a amigos com quem trabalharam, dividiram planos, expectativas.

Como toda seleção, a deste volume tem um toque de subjetividade. Alguns critérios, porém, me guiaram. Logo ficou claro que, pelas posições que Celso Furtado ocupou, como economista, gestor público e professor, pela obra vasta que produziu, pela influência que exerceu em tantos quadrantes e em campos tão diversos, sua correspondência apresentava inestimável interesse biográfico. Não só. A correspondência de um intelectual costuma ser um laboratório de sua obra. Muitas das teorias e concepções de Celso e de seus interlocutores estão aqui esboçadas em forma embrionária, experimental. As cartas tornam-se, assim, um local de elaboração a um só tempo complexa e singular, em que se capta aqui e ali uma espécie de reciclagem contínua de opiniões, não raro um desdobramento ou um reexame de afirmações e reflexões. Neste conjunto de cartas trocadas entre Celso e os colegas da Cepal, os economistas de Cambridge, os amigos de juventude, os exilados, percebe-se em filigrana a convergência de ideias e ideais.

A respeito de cada um desses interlocutores ensaiei uma pequena introdução que se reporta a algum aspecto de seu relacionamento com Celso. Deliberadamente adotei o critério de suprimir trechos de certas cartas, sempre assinalados por reticências entre colchetes. Esta é uma seleção, e não uma edição integral da correspondência de Celso Furtado.<sup>21</sup> Os trechos suprimidos, em geral de poucas linhas, davam notícias de cunho estritamente pessoal, ou sobre terceiros. Foram eventualmente referidos no aparato de notas que põem as cartas em perspectiva e reconstituem, quando necessário, o contexto da época. A ambição deste volume é, assim, levar ao leitor uma correspondência inédita que, além

**21** O acervo de Celso Furtado foi doado por Rosa Freire d'Aguiar, em 2019, ao Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, onde toda a sua correspondência poderá futuramente ser consultada. (N. E.)

de revelar destinos individuais, acompanha as peregrinações de um punhado de economistas, intelectuais, políticos, ativistas, cientistas sociais que foram atores e observadores da história na segunda metade do século xx.